

A CIDADE ILHADA¹

Vera Helena Pícolo CECCARELLO²

*Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado,
todo homem é parte do continente, uma parte de um todo.
John Donne (2007)*

Uma cidade que representa o distanciamento, a solidão, a incomunicabilidade e as dificuldades de relacionamento entre o eu e o outro. Tentativas de se viver uma língua diferente, tentativas de se lidar com a morte. Temas como esses são desenvolvidos por Milton Hatoum em *A cidade ilhada* e dão unidade a seu mais recente livro. Manaus é aqui uma cidade literária que se perde e se encontra nos labirintos da memória do autor e dos personagens.

Após sagrar-se como importante romancista no cenário literário brasileiro com os premiados romances *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois Irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005) e a novela *Órfãos do Eldorado* (2008), Milton Hatoum faz sua primeira publicação na forma de contos, irrompendo, assim, a contracorrente dos escritores nacionais. Dos catorze contos reunidos em *A cidade ilhada*, seis são inéditos no Brasil e o restante engloba publicações em jornais, revistas, antologias, aqui e no exterior, numa mescla de biografia e ficção, ambientados tanto em Manaus quanto fora do país.

Apenas dois contos – “Bárbara no inverno” e “Encontros na península” – não se referem diretamente a Manaus. Vale salientar como a cor local manauara aflora nas entrelinhas dos contos de Hatoum, como também se evidenciou em seus romances. Todos os contos, excetuando os dois acima referidos, acentuam tal característica. Não é, porém, uma descrição naturalista que exalta a opulência natural da região, e sim, um olhar sobre o regional que se combina ao momento interno da narrativa. Como aponta Antonio Candido (2006b, p.14, grifo do autor), “[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento

¹ Resenha da obra: HATOUM, M. *A Cidade Ilhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

² Mestranda em Sociologia. Unicamp – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-graduação em Sociologia. Campinas – SP – Brasil. 13083-970 – vera_pc@yahoo.com.br

que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.”

Hatoum ultrapassa a barreira do físico e mostra as contradições agudas e as diferenças existentes em Manaus, situadas na fronteira – entre cidade e floresta. Essas transformações humanas, sociais e históricas que ocorrem na cidade são claramente perceptíveis quando comparamos os contos iniciais “Varandas da Eva” e “Uma estrangeira da nossa rua” com “Dançarinos na última noite”, que fecha o romance. Nos primeiros há uma espécie de descoberta da vida, um desabrochar da inocência e das venturas e desventuras da adolescência que, no decorrer do tempo, restringem-se somente à memória. Ainda aqui, Manaus se afigura como uma “trilha de folhas úmidas” (HATOUM, 2009, p.11), servindo de cenário para as tais descobertas.

Em “Dançarinos da última noite”, a cidade que antes tinha um certo aspecto idílico, dá lugar à rudeza daqueles que trabalham fazendo “qualquer trabalho que um robô não dá conta” (HATOUM, 2009, p.113), uma vez que seu eixo econômico gira em torno das indústrias estrangeiras e dos exóticos hotéis de luxo, onde “[...] durante o verão no hemisfério norte, a gorjeta aumentava e dobrava o salário.” (HATOUM, 2009, p.114). Há uma dura escolha entre desfrutar os prazeres de uma noite manauara ou perpetuar uma condição de submissão que, assim como na maioria das cidades brasileiras, vêm chegar o progresso e também suas agruras: “Sabes onde vamos morar? Num barraco de área invadida, sem água nem luz. E ainda vamos ter que andar até o asfalto para pegar dois ônibus.” (HATOUM, 2009, p.116).

Em outras palavras, como disse Euclides da Cunha no terceiro conto, “Uma carta de Bancroft”, trata-se de “uma terra em que os homens trabalham para escravizar-se” (HATOUM, 2009, p.28). O autor de *Os sertões* faz tal afirmação em uma carta inédita encontrada pelo narrador em uma biblioteca na cidade canadense. Nesse conto há uma passagem reveladora, pois mesmo sendo uma experiência no exterior, o narrador revela: “Manaus me persegue” (HATOUM, 2009, p.26), apesar da distância e do tempo.

A cidade, portanto, não representa simplesmente um lugar ou uma região. Representa, de fato, uma condição marcada pelas vicissitudes estruturantes da própria sociedade brasileira e suas heterogeneidades. Daí o importante papel desempenhado pela literatura regionalista no panorama literário brasileiro, pois foi o regionalismo “[...] uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local [...] A realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto vivo.” (CANDIDO, 2006a, p.192). Ainda assim, no que tange à obra de Hatoum, é um tipo específico de regionalismo. Segundo Pellegrini (2004, p.128), haveria em Hatoum um *regionalismo revisitado*, consistindo “[...] numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria dada

por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração européia e urbana, formadoras da nossa literatura.”

Hatoum não se contenta com o exotismo fácil nem se acomoda ao regional. Contrário disso, explora temas e conflitos mais amplos e deixa falar as contradições intrínsecas de homens que buscam suas identidades, suas raízes e seus nortes, numa cidade que está na periferia da periferia do capital. A união de elementos regionais, e também de temas universais dá o tom das narrativas de *A cidade ilhada* que vê, na passagem do tempo, desejos e fracassos se resolvendo ou se dissipando e que, na maioria das vezes, transformaram-se em desencanto. A passagem do tempo é um claro exemplo do dissabor vivenciado pelos personagens, como em “Varandas da Eva”, numa digressão sobre a perda da juventude: “A gente sente isso quando as complicações se somam, as respostas se esquivam das perguntas. [...] As gandaia, os gozos de não ter fim, aquele arrojo dissipador, tudo vai se esvaindo. E a aspereza de cada ato da vida surge como um cacto, ou planta sem perfume.” (HATOUM, 2009, p.13).

Em “Dois poetas da província”, quinto conto do livro, a passagem do tempo ganha pitadas niilistas a partir do diálogo recheado de literatura e filosofia entre um jovem poeta, que está de partida para Paris, e seu mestre, o velho poeta, que nutre uma paixão pela *cidade luz* sem nunca tê-la visitado: “[...] eu vejo a juventude como uma quimera... Um tempo quase fora do tempo [...] Na minha idade, a única vantagem é saber que não vou aturar por muito tempo a estupidez humana.” (HATOUM, 2009, p.42).

Manaus se coloca, nesses casos, como uma cidade ilhada geográfica e metaforicamente, cujos personagens também o são. Estão sempre à deriva, num trânsito constante entre suas origens e seus destinos. A cidade é tanto origem quanto destino, por mais paradoxal que seja, como fica explícito no quarto conto, “Um oriental da vastidão”.

Os personagens são, em grande parte, estrangeiros que vieram conhecer a cidade, como ocorre também em “Manaus, Bombaim, Palo Alto”. Neste sétimo conto, o narrador recebe a visita de um marinheiro indiano que deseja conhecer um escritor da cidade e, a partir do encontro, surgem analogias entre as duas profissões, pois ambos “[...] estão quase sempre longe de seu lugar, cada um a seu modo.” (HATOUM, 2009, p.55). Esses personagens estrangeiros, que também aparecem em “A casa ilhada” e “A natureza ri da cultura”, vivem sempre uma situação de errância e de fragilidade, em que as tão usuais “raízes” locais se colocam aqui mais como “rizomas”.

Essa questão está latente no belíssimo “A natureza ri da cultura”, décimo segundo conto do livro, em que Delatour, um bretão que vive em Manaus, disserta

com tonalidade filosófica sobre o olhar do estrangeiro, já que, segundo ele, “A viagem, além de tornar o ser humano mais silencioso, depura o olhar [...] Nesse convívio com o estranho, o narrador privilegia o olhar: o desejo de possuir e ser possuído, a entrega e a rejeição, o temor de se perder no outro.” (HATOUM, 2009, p.100). Para ele, sua relação com Manaus é profunda, intrínseca e misteriosa pois, num primeiro olhar sobre a floresta, não se consegue distinguir muita coisa, “Mas no interior de tanta escuridão há um mundo em movimento, milhões de seres vivos, expostos à luz e à sombra.” (HATOUM, 2009, p.99)

Manaus aparece não só como uma cidade úmida cercada por florestas. É também retratada com tendo uma vida cultural movimentada, identificada nas referências ao Teatro Amazonas, presentes no oitavo conto, “Dois Tempos”, que narra as intempéries de uma professora de música, e no décimo primeiro conto, “A ninfa do Teatro Amazonas”, servindo de cenário para a loucura e a demência do vigia do teatro.

“O adeus do comandante”, sexto conto do livro, é uma narrativa misteriosa e cheia de nuances em que os passageiros de um barco aguardam a volta do comandante que fora honrar seus filhos: “A espera era nossa única sina naquele oco de mundo” (HATOUM, 2009, p.49). Também no nono conto, “A casa ilhada”, há uma atmosfera de suspense envolvendo um cientista que volta a Manaus para tentar reencontrar a esposa.

Das narrativas que não remetem diretamente a Manaus, fazem parte o profundo “Bárbaro no inverno” e o literário “Encontros na península”, décimo e décimo terceiro contos, respectivamente. O primeiro deles, ao contrário da maioria dos contos, não remete a estrangeiros que vivem em Manaus, mas a brasileiros exilados em Paris, dadas as contingências da ditadura militar. O casal Bárbara e Lázaro busca adaptar-se, não só à condição de exilados em um país estrangeiro, mas também aos sentimentos de recusa, de revolta e de crítica à sua condição e à dos amigos também expatriados, o que gera desconforto em Bárbara: “[...] essas reuniões são uma farsa, pura nostalgia de parasitas.” (HATOUM, 2009, p.78). A partir de então, o riso melancólico, a solidão atroz, o ciúmes corrosivo e a espera pelo avesso vão compondo a teia da narrativa, mesclados a referências indiretas a uma música de Chico Buarque, chave para a compreensão do conto: “Essa música não conta nossa história, dizia ela, e Lázaro, pensativo: Claro, o inferno dessa canção pertence aos outros.” (HATOUM, 2009, p.79).

Por fim, o outro conto, “Encontros na península” passa-se em Barcelona e mostra o encontro do narrador com uma catalã que deseja aprender a língua portuguesa: “Não quero falar, disse ela com firmeza. Quero ler Machado de Assis” (HATOUM, 2009, p.104). As aulas e as leituras vão prosseguindo enquanto as usuais

conjecturas sobre Machado começam a aparecer, ao que esquivamente responde o narrador: “Mistérios do subúrbio, eu disse. Ou, quem sabe, da literatura do subúrbio.” (HATOUM, 2009, p.105). Entre um gole de vinho e as entrelinhas da obra machadiana, Victoria revela que decidiu aprender a língua portuguesa por causa de seu amante português, fascinado por Eça de Queirós e que, em contrapartida, rechaçava o ‘rival’ tupiniquim: “[...] o tom filosofante, voltairiano, dava a Machado um ar pretensioso, puro complexo de colonizado. Teve a pretensão de ser um iluminista nos trópicos [...] Um brasileiro pedante, um cultor de galhofas.” (HATOUM, 2009,p.105).

A crítica evidente aguça ainda mais a curiosidade de Victoria, que entre o espanhol e o português, procura desvendar quem era o homem pelo qual havia se apaixonado, procurando-o nas emaranhadas páginas de Machado ou ainda no conflito latente entre ele e Eça, como se assim, pudesse entender seu próprio dilema.

Trata-se, portanto, de um livro que merece atenção, pois nos aproxima e nos distancia dos demais trabalhos de Milton Hatoum. Aproxima porque alguns temas são retomados, bem como personagens: voltam à cena Tio Ranulfo, de *Cinzas do Norte* e Emilie, de *Relato de um certo oriente*. Há que se considerar, ainda, a evidente semelhança dos olhares precisos de dois estrangeiros numa terra estranha e em transe: o professor de francês Delatour, em “A natureza ri da cultura”, e o fotógrafo alemão Dörner, de *Relato de um certo oriente*.

Não obstante, os temas são redirecionados, aprofundados em certo ponto de vista e abrandados por outro. Os contrapontos entre estabilidade e deslocamento, entre regional e universal, colocam-se como norteadores e espelham as obras de Hatoum. O fio condutor da memória persiste e nele há a obsedante presença de uma cidade que se transmuta e se desfaz, situada entre Macondo e Comala³.

Em *A casa ilhada*, através de narrativas que despistam o leitor, Hatoum talvez se coloque como um peixe em um aquário, como ressaltou o almirante indiano em “Manaus, Bombaim, Palo Alto”, numa referência às chuvas manauaras. Porém, se for para ser um peixe, o escritor é, como descreve o cientista de “A casa ilhada”, um peixe tralhoto que “[...] com seus olhos divididos, vê ao mesmo tempo o nosso mundo e o outro: o aquático, o submerso.” (HATOUM, 2009, p.70). O encontro desse olhar dura o tempo de um olhar demorado, ressalta o narrador. E o livro, dura o tempo de uma leitura instigante. Afinal, quem não está ilhado de alguma maneira?

³ Referências às cidades retratadas por Gabriel Garcia Márquez, em *Cem anos de solidão* e por Juan Rulfo, em *Pedro Páramo*, respectivamente.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. **A educação pela noite**: e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006a.
- _____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006b.
- DONNE, J. **Meditações**. São Paulo: Landmark, 2007.
- HATOUM, M. **A cidade ilhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Relato de um certo Oriente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.
- PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luzo-Brazilian Review**, Madison, v.41, n.1, p.121-37, 2004.